

# «NÃO BASTA SER MULHER PARA SER JUSTA»: RESISTÊNCIA À MARGINALIZAÇÃO DE PAULINA CHIZIANE FORA DO REGISTO FICCIONAL

Cremildo Bahule<sup>1</sup>

**Resumo:** Na perspectiva de reflectir a marginalização feminina, este artigo perscruta o ideal de resistência da mulher em Moçambique. Apura, ainda, as referências histórico-culturais que recriam a amolgação da discriminação da mulher e da sua personalidade partindo da tradição que funciona como um instrumento de controlo social. Nesse sentido, Chiziane adquire uma eficácia doutra e transporta tais enigmas sociais inseridos na sociedade moçambicana. No imaginário da tradição Tsonga, por exemplo, ainda é abundante a ideia de que a mulher deve carregar trouxas e ser submissa porque foi *lovolada* (referente ao *lovolada* – casamento tradicional praticado em Moçambique). A consciência da marginalização da mulher é, ainda, predominante à medida que os pressupostos de engendração nos remetem a um caminho que deve ser seguido cegamente. Em consequência, a mulher percebe-se como um ser marginal. A sua voz é penhorada em nome da sociedade, hegemonicamente, masculina. Contudo, a mulher – na lógica da resistência, segundo Chiziane – engendra uma nova utopia: a resistência, o espaço intermediário onde a fragmentação pode se instalar, mesmo que em luta, desafiando, assim, o poder de controlo do dominador. Quando a mulher resiste à marginalização subsidia-se, basicamente, em dois propósitos complementares: (i) uma estratégia de sobrevivência dentro de um campo de batalha e (ii) um elemento agregador do tecido humano

---

<sup>1</sup>Ensaísta moçambicano e pesquisador independente. Poeta, editor e membro do conselho editorial da revista brasileira Griots: Literaturas e Culturas Africanas. Entre 2007-2010, investigador associado da UDS [Unidade de Diagnóstico Social] do CEA [Centro de Estudos Africanos] da UEM [Universidade Eduardo Mondlane]. Entre 2010-2013, investigador do ARPAC (Instituto de Investigação Sócio Cultural). Participou, como investigador, na elaboração do livro: *Multiculturalidade e Plurilinguismo – Tradição Oral e Educação Plurilingue na África Central e Austral* ([www.contafrica.com](http://www.contafrica.com)). Dos livros publicados, destacam-se: Carlos Cardoso – *Um Poeta de Consciência Profética* (Alcance Editores, 2010), *Literatura feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane* (Ndjira, 2013). Actualmente, editor da Khuzula.

na sociedade moçambicana. Chiziane constrói, mesmo que de forma utópica, uma lógica de oposição da mulher. O intuito de resistência de Chiziane assenta no reconhecimento de que o homem deve dar aso desígnios do feminismo. Pensando como Anderson (1989), as mulheres querem engendrar uma nova «consciência social» dentro do tecido social moçambicano.

**Palavras-chave:** Paulina Chiziane. Resistência. Mulher. Narrativa extra-ficcional. Utopia.

**Abstract:** In the perspective of reflecting women's marginalization, this article examines the ideal of women's resistance in Mozambique. It also establishes the historical-cultural references that recreate the discrimination of women and their personality, starting from the tradition that functions as an instrument of social control. In this sense, Chiziane acquires a learned efficacy and transports such social enigmas inserted in the Mozambican society. In the imaginary of the Tsonga tradition, for example, there is still an abundance of the idea that the woman should carry muggles and be submissive because she was *lovolada* (referring to the *lovolada* - traditional marriage practiced in Mozambique). The awareness of the marginalization of women is still predominant as far as the presuppositions of engendering, they lead us to a path that must be followed blindly. As a consequence, the woman perceives herself as a marginal being. His voice is pledged in the name of society, hegemonically, male. However, in the logic of resistance, according to Chiziane, the woman engenders a new utopia: resistance, the intermediate space where fragmentation can settle, even in struggle, thus defying the controlling power of the dominator. When women resist marginalization, they basically subsidize two complementary purposes: (i) a survival strategy within a battlefield and (ii) an aggregating element of the human fabric in Mozambican society. Chiziane constructs, even if utopian, a logic of opposition of the woman. Chiziane's intention for resistance rests on the recognition that man must give the designs of feminism. Thinking like Anderson (1989) women want to engender a new "social consciousness" within the Mozambican social fabric.

**Keywords:** Paulina Chiziane. Resistance. Woman. Extra-fictional narrative. Utopia.

## Introdução

Na orla dos textos literários de ficção existem outros textos que surgem como tortulhos em dias de seca. São os textos onde o escritor não tem nenhum comprometimento, ilusório, com sucessões acertadas de um *capítulo*, desenhos de personagens e paisagens alucinantes. São os textos que têm uma onda sinérgica inerente. São textos constituídos por uma soma de partes que parecem estranhas. São os textos de opinião que deixam à mostra o papel do escritor. Na maioria dos casos são textos onde o escritor é observador social de seu tempo, no seu tempo e para seu tempo. Nesse sentido, o escritor captura o determinado momento e engendra uma transformação social para a sua comunidade, para o país, partindo de uma experiência da sua condição. Tal é o caso de Paulina Chiziane que com o texto *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo*, publicado em 1994, forja uma utopia que ajuda a mulher moçambicana a resistir aos diversos moldes de marginalização. Passadas duas décadas o texto, em alusão, continua vivo e brioso para os intentos da libertação da mulher. Partindo de uma questão figurativa controverte o modo como as diversas mitologias colocam a mulher no segundo plano:

os problemas da mulher surgem o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias sobre a criação do mundo. Na mitologia bantu depois da criação do homem e da mulher, não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. Isto significa que a difícil situação da mulher foi criada por Deus e aceite pelos homens no princípio do mundo.

As diversas mitologias não são mais do que ideologias pelo poder sob a máscara da criação divina (Chiziane, 1994,

p.12).

Desta condição atribuída Chiziane questiona o sistema que a cerca e lhe ensinou a ser mulher. Este é um texto que carece de muitas interpretações. Contudo, aqui ganha o cariz de um caminho que se constrói para dar largueza, mesmo que utópica, à mulher. Aqui damos essa largueza ao texto pois, conforme Grossberg (1997: 259) «um texto não possui significado, não há limites para o que ele possa denotar. [Ele significa o] que um leitor quiser que ele signifique [e] adequa-se ao entendimento de que o desenvolvimento do indivíduo, em relação à construção cultural, deve-se ao significado que empreende ao contexto».

## 1. «Para Quebrar o Silêncio»: Chiziane Caminhando Contra os Limites

Paulina Chiziane tornou-se conhecida, reconhecida, autenticada e reflectida em universidades moçambicanas e estrangeiras por causa de sua abordagem destemida e sem impedimentos na denúncia à opressão das mulheres moçambicanas. Chiziane, numa perspectiva de estética literária, descreve os diversos aspectos da vida da mulher moçambicana e os limites que ela enfrenta para viver, sobreviver e ser aceita numa sociedade, marcadamente, machista. Reivindica, por meio da metáfora e de uma linha que parece uma contrariedade narrativa do corpo da mulher, uma fusão intercultural e um reconhecimento social da veia feminina. O desempenho narrativo de Chiziane é, com algum exclusivismo, feito dentro dos limites impostos na organização patriarcal, da desconstrução do *lovolo*<sup>2</sup> e das relações sexuais na sua cultura de origem, Tsonga (e.g., <sup>2</sup> *Lovolo* (grafia oficial changana) ou *Lobolo* (grafia oficial portuguesa) é o termo usado para referir o casamento costumeiro, bem como os presentes que a parentela do noivo oferece à parentela da noiva. Dados históricos apontam para modificações significativas

*Balada de Amor ao Vento*). A mesma linha narrativa olha para as sequelas da guerra civil que emagreceu Moçambique no contexto pós-independência e do sistema marxista e socialista (e.g., *Ventos do Apocalipse*). A prática narrativa estende-se, pelo contacto que a autora teve com o legado patriarcal (Província da Zambézia), para assuntos onde a mulher domina o mundo e controla o circuito vital da comunidade, cultura Echuabo (e.g., *Niketche: Uma História de Poligamia*).

Podemos, sem grandes terrores, assumir que a narrativa de Chiziane tem contribuído para o rico processo transformador que está em curso na história da emancipação feminina em Moçambique ou em África, no geral. Mais do que problematizar a distinção entre a verdade histórica e a verdade estética, o papel do homem ou o lugar da mulher, oferece-nos um panorama mais crítico com relação à construção inescusavelmente discursiva do que é considerado verdadeiro sem, por ser legítimo, deixar os acontecimentos históricos dignos de registros. Chiziane, como preferiria Benjamim (1987), retirando da sua experiência ou experiência relatada por outros, constrói um romance descrevendo uma vida humana e levando o incomensurável a seus últimos limites. Chiziane caminha contra os limites da solidão e o sentimento de fragmentação identidade ofuscada

---

na maneira como o *lovolo* foi realizado ao longo do tempo em Moçambique. No período pré-colonial, o *lovolo* era realizado com esteiras e objectos da horta (couve, batata-doce) ou produtos da época (castanha de caju, ananás). Com o início do comércio costeiro foram introduzidos novos objectos (vacas, panos, anéis de ouro ou enxadas) segundo as possibilidades do noivo e a proveniência da mulher (se é filha do rei ou de um modesto camponês). Actualmente, período capitalista, a *lovolo* é feito com produtos «modernos» (automóveis, mobílias, relógios de ouro) e cobram-se avultadas somas em Metical (dinheiro oficial de Moçambique) e não com objectos da horta e esteiras como se antigamente. Tal facto gera controvérsia, pois para alguns o *lovolo* está deturpado e, para outros, o *lovolo* adapta-se ao tempo sem deixar de ser importante na sociedade moçambicana. Para mais detalhes sobre o *lovolo* pode-se ler o artigo de BAGNOL, Brigitte. (2002), «*Lovolo, Identities and Violence: Embodiment of Histories and Memories*», comunicação apresentada no 8th International Interdisciplinary Congress of Women, Kampala, Uganda, 21-26 de Julho.

que a mulher moçambicana vive.

Porém, afastada do romance, da narrativa ficcional e longe dos cânones da academia, Chiziane tem feito aparições singulares. Escreve fora do romance e expõe-se em formato de relato, de opinião ou de intervenções que nos remetem a um discurso baseado na «auto-etnografia» (Pratt, 1992, p.7). Neste modelo de escrita não há um comprometimento figurado com subsequências lógicas ou cronológicas. Aqui interconectam-se vários pensamentos numa conexão sinérgica em que, por exagero, se resumem todos os romances da autora. Cito, de forma exclusiva, o texto inédito *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo*, editado em 1994.

*Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* é um texto que se encaixa no modelo de explanações em que se expõem as opiniões nas publicações fora da narrativa estética. Neste tipo de textos, Chiziane deixa à mostra o ofício de testemunha de escritora, de observante social de seu tempo, no sentido de capturar o grande momento da transformação social do país. Neste texto, pouco mencionado e com pouca circulação na academia, mas sempre actual – Chiziane concebe uma experiência de ampliação na capacidade de apreender a mulher em Moçambique e a lógica feminina em África. Longe da ficção, Chiziane oferece-nos um novo suporte onde mediação favorece um campo de observação em que a visão polissêmica e a abordagem crítica se sobressaem.

Nesta minha batalha por uma sobrevivência digna vou ganhando mais luz e mais força. Cada dia cresce a minha experiência e mais clara se tornam as minhas reflexões sobre a vida e sobre o mundo. *Pretendo revelar um pouco desta experiência sem falsidade nem superficialização, para quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres ou homens que acreditam que se pode construir um mundo*

Atenção: apesar da exclusividade desse tipo de textos não se ambiciona aqui considerar os mesmos como gêneros literários de carácter *sui generis*. Todavia, é necessário diferenciar os seus traços característicos quando confrontados com o romance ou o género literário a que a autora nos habituou. Textos similares a estes, que prefiro intitulá-los de «textos de mediação social», engrossam a diegese narrativa, pois são directos na imersão na realidade, têm o cuidado em divulgar dados e informações, a voz autoral, pouca utilização de metáforas, de digressões e, sobretudo, tem um período histórico conciso. Assim, como sucede com o historiador, este tipo de textos apodera-se de uma forma pessoal em articular as dimensões temporais. Os mesmos fazem com que o passado e o presente sejam justapostos de forma padrão: o lugar, o presente e o sujeito determinam como a história será (re)escrita, «cada presente desvenda uma visão parcial e uma articulação original do passado e do futuro» (Hanna e Bastos, 2012, p.25). Esta característica de inserir-se na literatura moderna, apesar das divergências em vários aspectos da vida e da obra em que Chiziane se caracteriza, podemos notar alguns pontos essenciais: sujeitos femininos que almejam penetrarem ou subverter o mundo predominantemente masculino. Tarefa difícil que exige coragem e luta ferrenha, pois a modernidade ainda percebe a mulher como um simples objecto de adorno e não como um ser intelectualizado.

Na etnia Tsonga (minha etnia) quando uma rapariga cresce, a família e os amigos saúdam a recém-nascida dizendo *hoyo-hoyo mati* (bem-vindo a água), *atinguene tipondo* (que entre o dinheiro), *hoyo-hoyo tihomo* (bem-vindo o gado). O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo.

Na infância a rapariga brinca à mamã ou a cozinheira, imitando as tarefas da mãe. São momentos muito felizes, os mais felizes da vida da mulher tsonga. Mal vê a primeira menstruação é entregue ao marido por vezes velho, polígamo e desdentado. A mulher não são permitidos (*Sic*) sonhos nem desejos. A única carreira que é lhe destinada é a casa e ter filhos (Chiziane, 1994: 14).

O objectivo último de Chiziane é conectar o pensamento sobre os limites do género de maneira consciente isolando-se da vitimização. Ela caminha contra os limites quebrando o silêncio do que foi legitimado sem consensos. O texto de mediação social de Chiziane é, usando o conceito de Graham Huggan é um «contra-discurso etnográfico» (2001: 40).

Assim o é, pois de modo conscientemente irónico, satírico e paródico de contra-narrar, a escritora faz uma leitura antropológico da sua realidade para confrontar um determinado voyeurismo imposto e da consequência dessa resistência impor um novo conhecimento genuíno e puro. Evidentemente, há, aqui, um exotismo antropológico por parte de Chiziane. Caminhar contra os limites não é para Chiziane um acto e bravura. É, sim, uma «batalha por uma sobrevivência digna» (Chiziane, 1994: 14).

Chiziane, apenas, raciocina. Pois, raciocinar é lutar. É o auto-exercício de luta das ideias. Dos ideais. Chiziane, faz «polémica» se entendermos o termo – que deriva de *pólemos* – como *combate*. Mas também, ela é combatente – agarrando-se a etimologia grega – *polimiké*, que significa *guerreira*. Independentemente do termo: ela, apenas, transpõe o cânone imposto à mulher.

## 2. «Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo»: A Chama da Utopia Contra os Limites

*Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* – contextualizando a intervenção – é um texto inédito de Paulina Chiziane, editado em 1994 pela Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique em parceria com a Associação dos Escritores Moçambicanos. Insere-se numa plataforma onde as mulheres tiveram a incumbência de imprimir a sua voz nas múltiplas dimensões: literatura (Paulina Chiziane com o artigo em alusão), educação, cultura, direitos humanos, agricultura, música, academia, sexualidade, alimentação e indústria do caju. As diversas elocuições<sup>3</sup>, na perspectiva de pensar a mulher partindo da mulher, deram origem ao livro *Eu Mulher em Moçambique*, organizado por Ana Elisa de S. Afonso.

Embora seja de edição longínqua, é um texto – que alvitra-se como *apócrifo* (hipérbole minha) – para a muitos leitores de Chiziane. Uso o título «apócrifo», pois é pouco mencionado tanto pela autora, pouco conhecido pelos apreciadores da narrativa de Paulina Chiziane e, com algumas incertezas, escasseia o seu conhecimento, reflexão e partilhado pela academia<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Dentre várias artigos que compõem o livro podemos citar os seguintes: educação (*Aspectos Sócio-Culturais Relacionados Com a Frequência Escolar das Raparigas em Moçambique* de Carmen Medeiros Zucula); alimentação (*Situação Legal da Mulher Perante o Direito a Alimento*); cultura (*Situação da Mulher no Ministério da Cultura em 1987* de Lília Momplé); sexualidade (*Enquanto os Homens Tiverem o Poder Sexual: O Comportamento Sexual e Expansão do SIDA/DTS na Cidade de Maputo* de Balbina Dorsam dos Santos & Maria José Artur); indústria do caju (*Contribuição ao Estudo da Mulher Operária no Maputo: O Caso do Caju* de Hermínia Manuesse); direitos humanos (*A Família, a Mulher e os Direitos em Moçambique* de Alcinda Abreu).

<sup>4</sup> O livro onde está inserido o artigo, esgotou no mesmo ano. Tornou-se uma obra rara, mesmo como diligências por parte da Associação dos Escritores Moçambicanos para reeditar a obra. O exemplar que usei para fazer este artigo adquirir, em 2000, num alfarrabista que vende livros na rua, cita na Avenida Samora Machel, Maputo, defronte do Bar Gil Vicente anexo ao Cinema Gil Vicente. Contudo, segundo Paulina Chiziane, o artigo está publicado no Brasil, no formato «livro de bolso», pela editora Nandyala

*Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* afigura-se como um artigo de: (i) descoberta, (ii) imposição e (iii) delimitação do caminho. Eis os trechos que sustentam os três momentos simbólicos:

(i) *Descoberta do Labor/Ofício literário*

À medida que ia crescendo, ia contemplando os fundamentos da existência humana, cada dia com maior profundidade. Observava o labor dos seres humanos, o seu sacrifício, os homens que morriam sem nunca terem conseguido realizar os seus sonhos. Encontrava uma grande contradição entre o mundo que me rodeava e o mundo que residia o meu íntimo. Senti a necessidade de desabafar. Desabafar lavando nas águas do rio, como fazia a minha mãe, (que) já não fazia parte do meu mundo. Às cantigas na hora de pilar não eram suficientes para libertar a minha opressão e projectar a beleza do mundo que sonhava construir. Comecei a escrever as minhas reflexões.

Primeiro foram as frases soltas nos cantos dos cadernos. Depois foi o diário. A seguir foram os poemas e as cartas de amor no tempo da primeira paixão. Mais tarde foram os textos mais seguros, pequenos contos, pequenas crónicas e sonho de um dia escrever um livro. Este sonho adormeceu porque me casei e queria ser boa esposa. Mas a vida conjugal deu-me a provar as primeiras amarguras. Minha alma tornou-se uma muralha de solidão e silêncio (Chiziane, 1994: 15).

(ii) *Imposição no Território Literário*

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajectória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e a incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se o meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas.

Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam. Foi assim que surgiu a minha primeira obra “Balada de Amor ao Vento”, tornando-me deste modo uma das primeiras escritoras do meu país (Chiziane, 1994: 14-15).

(iii) *Delimitação de Um Caminho Literário*

A escrita trouxe-me uma serie de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos afastou pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não menos distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos. Devo dizer que não há nada de heroico na minha luta e, de resto, desfruto de todo o prazer que a escrita me proporciona (Chiziane, 1994: 17).

A construção do caminho e o alicerce que Chiziane ganha no seio da Literatura Moçambicana é traçada sem mencionar a palavra «poder»; tal é, mesmo sabendo que é contra ele – o poder – que Chiziane vai e bate de frente. Como as diegeses que sucederam, posteriormente, a obra *Balada de Amor ao Vento* mostraram ser «narrativas subversivas» se quisermos pensar como Richard (2002).

Contudo, é preciso ter cautela ao assumirmos essa subversividade da narrativa de Chiziane. Devemos ter alguma prudência, pois o artigo *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* é escrito (1994) quando Chiziane havia publicado, apenas, *Balada de Amor ao Vento* (1990). Com esta obra, ainda era prematuro, afirmar que escrita de Chiziane seria marcadamente feminina e como uma narrativa que desestrutura e subverte a cultura dominante, seja qual for. É preciso ter em conta que depois

de *Balada de Amor ao Vento* (1990) veio o livro *Ventos de Apocalipse* (1995) que narra uma parte da guerra civil que ocorreu em Moçambique. Por isso, com alguma cautela só podemos falar de uma «feminização da escrita» com a publicação de *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002).

Escrevi a minha primeira obra<sup>5</sup> debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. Escrevia a segunda<sup>6</sup> debaixo do mesmo ambiente. Está no prelo. Trabalhar numa atmosfera de morte é a minha forma de resistir. Ninguém te o direito de interromper os meus sonhos.

Mesmo que a maldita guerra não termine, se não a morte não me ceifar, escreverei o terceiro<sup>7</sup> (Chiziane, 1994: 18).

Com *Niketche: Uma História de Poligamia* se compõe e se complementa o «devir minoritário», segundo Deleuze (1997). Da trilogia [*Balada de Amor ao Vento*, *O Sétimo Juramento* e *Niketche: Uma História de Poligamia*], traça-se a verdadeira matriz que faz de Chiziane uma *combatente* (no modo *pólemos*) ou *guerreira* (na maneira *polimiké*) dos argumentos à volta da ablução feminina (Bahule, 2013)<sup>8</sup>.

*Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo*, sendo um texto de mediação social como temos vindo a demonstrar distingue-se como

<sup>5</sup> Referente ao romance *Balada de Amor ao Vento*.

<sup>6</sup> *O Sétimo Juramento*. Caminho: Lisboa. [Ndjira, Maputo, 2006]. Esta obra foi publicada (1995), numa edição autónoma – edição da autora – e foi reeditada pela Editora Caminho (1999) e pela Ndjira (2006).

<sup>7</sup> Ainda não estava claro, na altura da publicação deste artigo, qual era o título da obra ou o seu teor. Contudo, crê-se que a obra, terceira, é *Niketche: Uma História de Poligamia*. Diferentemente das duas anteriores, a autora escreveu a obra na Província da Zambézia (centro de Moçambique), onde ela encontrava-se a trabalhar. As das primeiras reflectem uma linhagem patriarcal (típico da zona sul de Moçambique), diferente da terceira que é pincelada pelas cores do matriarcado.

<sup>8</sup> Sobre o entrosamento da trilogia citada para a percepção da «narrativa feminina» em Chiziane, pode-se ler o ensaio: BAHULE, Cremildo (2013). *Literatura Feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane*. Ndjira: Maputo.

base para o que Chiziane viria a ser ou tornar-se no campo da narração moçambicana, da lusofonia e do mundo literário. O teor do texto explora os mecanismos dos processos de criação com vista a engendrar uma utopia. Utopia, entendido como um elemento que nos guia e não como um simples sonho ou fantasmagoria do acaso. Chiziane ao criar o seu próprio discurso auto-etnográfico irónico e realista expõe, em diferentes horizontalidades, os processos de masculinização que podiam abortar a sua vida literária. Ao partilhar a sua caminhada literária que esbara com os limites do misógino, Chiziane dá ênfase à importância das mulheres como sujeitos da mudança e protagonistas da sua própria modernidade: «a coisa mais gratificante no meio desta história foi a alegria e carinho com que a camada feminina me recebeu a mim e ao meu livro» (Chiziane, 1994: 16).

No texto de mediação social, diferente do romance, a representação da mulher como agente e falante vinca-se como um desejo onde que relata ou partilha o discurso explora e realinha os dados do poder subjogador. Chiziane faz com que os interesses das mulheres deixem de ser meramente objectos de transação masculina. Neste contexto, Chiziane sai do ângulo que todo mundo conhece de «contadora de histórias» e centra-se no espaço da liberdade onde não há espaço para metáforas e linguagem figurada pois esses elementos são trocados por uma realidade que é vida fora da estética literária. Chiziane busca, com o seu texto de mediação social, uma estratégia de posicionamento cultural das mulheres que está, inevitavelmente, ligada à edificação do masculino no processo de construção da nação, uma vez que a autora questiona as suas próprias «regras de auto-reconhecimento» dentro do mundo misógino (Bhabha, 1994: 114) e expõe a ambivalência interna e opressiva das elites viris e da humanidade que define o poder nas diferentes fileiras da sociedade. E, apregoa a troca da divindade.

Nós, mulheres somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher (Chiziane, 1994: 13).

Na verdade Chiziane ao querer «des-maculinizar a nação» ou «deslobolar» (Cardoso, 1985: 68)<sup>9</sup> atesta a submissão mulheres aos homens; contudo, ela cria um escape onde conduz os homens – humanidade, se assim entendermos – a reconhecer o seu próprio estatuto como uma construção de gênero, bem como a sua inserção histórica nas redes sexualizadas do poder que narram a identidade nacional. Chiziane ao criar um texto etnográfico realça a importância do gênero sexual como um eixo necessário de luta numa altura que a sociedade moçambicana se esforçava as questões de gênero.

### 3. «Não Basta Ser Mulher Para Ser Justa»: Resistência à Marginalização

A escrita, por oposição ao relato oral – base da literatura moçambicana e outras literaturas – é uma prática única de liberdade na medida em que torna possível a intervenção do interlocutor ideal. Este – colocutor-modelo – legitima o movimento e o desempenho altamente lúdico da escrita, aparte de qualquer deliberado premeditado de bem-fazer social. A escrita, assim, torna-se uma procura livre do outro a partir da solidão do eu. Por isso, não deixa de ser acidental a uma época e espaço nacional em que a liberdade de expressão vibra para contrariar os limites de uma

---

<sup>9</sup> Trecho do poema *Discurso Novo de Mulher* do poeta-jornalista Carlos Cardoso. O poema é composto da seguinte forma: «Eh. Todos aí, / Vamos deslobolar este país (Cardoso, 1985: 68). Sobre o *lobolo/lovolo* vide a nota de rodapé 1.

determinada corte machista ou fascista ou de carisma colonial. A literatura, embora pareça um pequeno reduto da liberdade, não tem tempo nem morada e muito menos segue receitas. Por isso constitui-se com um dos grandes valores ou lugares-comuns onde o exercício de liberdade se inventa à medida do seu interlocutor.

Chiziane, esta é consciente da sua base de escrita: oralidade; está inveterada numa determinada época: limitação da liberdade por meio de cercos machistas ou políticos; espaço nacional: Moçambique; tempo: 1994<sup>10</sup>. Portanto, com alguma deliberação, torna-se interlocutora e oferece-nos *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo*. Neste adestro, onde a liberdade de expressão tem a sua máxima força, Chiziane partindo do «eu», testemunha a sua condição e oferece um «caminho» – se assim acreditarmos – para uma nova forma de ver, estar e viver a condição feminina e do Homem.

Falar fora do registo ficcional, como é o caso de *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* – não significa abandonar a graça da estética narrativa. É, além de tudo, abrir outras pistas de diálogo. O que Chiziane faz é (e se não é, devia ser) uma prática apelante para o fortalecimento do diálogo entre o escritor e outras realidades que não cabem no romance, no poema, no filme, na música, na peça de teatro ou numa coreografia contemporânea. O escritor constrói-se e sedimenta sua veia literária em outras frentes de partilha de conhecimento quando elabora ensaios, orações de sapiência, intervenções, entrevistas. O escritor, à parte de seus textos ficcionais, nessas ocasiões representa a realidade e assume-se como um marcador histórico-cultural em registros díspares. Patenteia, sem amarras da consonância do verbo e da metáfora forçada, a estreita relação existente entre as discussões especulativas e metódicas,

<sup>10</sup> Assumo este período baseando-me no ano da edição do texto que serve de base para trançar este ensaio.

com o intuito de indagar sobre novas teorias de conhecimento.

Muitos escribas já se pronunciaram fora do registro ficcional. Muitos e em descoincidentes circunstâncias. Dos vários, quero partilhar de duas mulheres. [Podia partilhar de «homens», conjuntamente; todavia, de forma propositada, prefiro preencher os figurinos com «costelas femininas» para tornar o ensaio mais imaculado e feminista]. Eis os dois exemplos de escritoras que partilharam suas visões fora do registo ficcional: Lídia Jorge e Chimamanda Ngozi Adichie.

O primeiro exemplo é da escritora portuguesa Lídia Jorge. Em 2004, Outubro, Ana Paula Ferreira organizou um colóquio em homenagem à Lídia Jorge no âmbito do Congresso da Associação Americana de Estudos Portugueses (American Portuguese Studies Association, mais conhecida pelo acrónimo de APSA). No colóquio<sup>11</sup>, realizado na Universidade de Maryland, a escritora Lídia Jorge leu um texto admirável de título *Para Um Destinatário Ignorado*<sup>12</sup>. De forma inquieta, como é característico o resto da sua criação literária, trabalha com um tom semântico o modo dramático como se desenrola a vida num país pobre, rural e dependente partindo de um espaço que, apesar de metaforizado, é sua terra natal: Algarve (Portugal).

Passei grande da minha infância num ambiente rural, e, descontada as flores as flores, os animais, os astros, isso significa que conheci a força das duas constantes básicas que o constituem – por um lado, uma grande dispersão das pessoas, entre as quais se interrompe o espaço como

---

<sup>11</sup> Posteriormente, sob chancela da Texto Editores (2009), Ana Paula Ferreira organizou a obra *Para Um Leitor Esquecido: Ensaios Sobre O Vale da Paião E Outras Ficções de Lídia Jorge*.

<sup>12</sup> O texto foi partilhado em vários segmentos de crítica literária. O texto aqui citado encontra-se na obra *Um Leitor Esquecido: Ensaios Sobre O Vale da Paião E Outras Ficções de Lídia Jorge*, organizadas por Ana Paula Ferreira, páginas 33-47. Agradeço a Esménia Wanicela pela amabilidade de me oferecer a obra organizada por Ana Paula Ferreira.

um intervalo como um intervalo que age, e por outro lado, uma troca demasiado concentrada dos actos passionais que habitam os seres humanos e que se revelam em todo o seu esplendor. [...] *Tudo o que ainda hoje sei ou, dito de outra forma, o pouco que sei sobre a paixão e o desejo, a saudade, a morbidez, a foracidade da luta pelo poder, a compaixão e loucura, aprende aí, entre homens e mulheres que dispunham espaço e tempo para o apuramento e aplicação dos seus impulso e dos seus medos* (Jorge, 2009: 37-38, grifo meu).

O segundo exemplo é da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em julho de 2009, no evento da *Technology, Entertainment, Design (TED)*, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie proferiu um discurso que ficou conhecido como «perigo da história única»<sup>13</sup>. Ao longo dos 18 minutos e 43 segundos do vídeo produzido no TED e, posteriormente, publicado no Youtube<sup>14</sup>, Chimamanda Adichie revela a sua experiência de leitura desde a infância e influência dos livros infantis que lia; isso fez com que escrevesse, exactamente, os tipos de história que ela via nas obras. Sem aperceber-se, perpetuava a «história única». Ela questiona, ainda, as referências histórico-culturais que recriam o trauma do colonialismo e seus reflexos em tempos pós-coloniais. Fala do seu registro ficcional do choque de culturas decorrente da intervenção de missionários brancos no seu clã Igbo.

Porque tudo o que eu havia lido eram livros em que os personagens eram estrangeiros, fui convencida de que livros naturalmente tinham de ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não poderia-me identificar. Mas tudo mudou quando eu descobri livros africanos (...) Tive uma virada na minha percepção sobre literatura. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele de cor de chocolate, cujo cabelo crespo não dava pra fazer rabo-de-cavalo,

<sup>13</sup> Traduzido da versão original do discurso com o título: *The Danger of a Single Story*. Neste ensaio faremos citação do texto traduzido.

<sup>14</sup> O discurso pode ser visto na seguinte página: <http://www.youtube.com/watch?v=D9lhs24lzeg>.

também poderiam existir na literatura”. Esta e as demais traduções deste trabalho são de nossa responsabilidade (Adichie, 2009).

O trecho anterior de Adiche (2009) é similar ao que Chiziane partilha no texto *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo*:

Em toda a minha adolescência viajei pelo mundo do Oeste, idolatrei os seus heróis como Kit Carson, Búfalo Bill. Foi com a literatura marginal que entrei no mundo da literatura porque o meu meio social não tinha acesso a bibliotecas nem centros de cultura. Só no segundo nível de ensino secundário é que consegui tomar contacto com a verdadeira literatura (Chiziane, 1994: 15).

Os exemplos das escritoras coetâneas – Lídia Jorge e Chimamanda Adichie – complementam o que Chiziane observa quando vai contra os limites. O ponto comum nas três escritoras, sem deixar de lado as singularidades, é a questão de poder que incomoda a caminhada fértil das mulheres e do Homem. Lutam contra a ideia «bipolar» defendida, inicialmente, por Foucault (1988). A ideia bipolar remete à domesticação. Esse é um facto intrínseco a qualquer cultura. E a modernidade nunca esteve alheia a tal acto. A lógica bipolar é sustentada por diversos meios e instrumentos. Óbvio que Lídia Jorge, por estar inserida num contexto ocidental, poderá não recheiar o que Chiziane e Chimamanda Adichie viveram e sabem de África. Chiziane e Chimamanda Adichie – sem entrar em debates da “lógica ocidental vs lógica africana” que podem nos levar para outros caminhos – conhecem bem a coerência da «história única», onde não há «possibilidades de africanos serem iguais (aos outros) [...] de forma alguma. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que a pena. Nenhuma possibilidade de conexão como humanos» (Adichie, 2009). O facto de uma cultura, seja ela contemporânea ou não, estar acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de con-

trolá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante. Devemos lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o instrumento de divisão tem sido a própria mensagem e repreensão. Tal significa, em qualquer uma das extensões de nós mesmos, que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – Algarve/Portugal (Lídia Jorge), Manjacaze/Moçambique (Paulina Chiziane) e Enugu/Nigéria (Chimamanda Adichie) – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. É nessa senda que cada escritora jornadaia construindo uma imagem de um lugar onde a pessoa – não simplesmente a mulher – dentro de um determinando sentido gera uma mensagem que pode, certamente, construir um elemento figurativo que vai contra os limites dos estereótipos como objetos imagéticos. Há, nestes exemplos que complementam Chiziane, a criação de novas fronteiras onde a bandeira principal é fazer com que a escrita assuma novos compromissos e identidades. As identidades mudam, variam e modificam-se, pois elas «estão sempre entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático» (Hall, 1999: 12).

Para rematar, podemos certificar que os textos feitos fora do registro ficcional funcionam como um bálsamo para a criação literária de qualquer escriba pois ajudam-no a auferir outras realidades que não cabem na fantasia do texto alegórico. Quando Chiziane (1994) pensou em ir contra os limites, Lídia Jorge (2009) minuciou a nuvem que acompanha a sua veia literária e, como que a fechar o ciclo em apoteose, Chimamanda Adichie (2009) rebelou-se contra a «história única» partindo do seu universo (de diáspora, de exclusão pelo Ocidente, de conhecimento e reconhecimento de seu lugar) para, com astúcia, consciencializar-nos sobre a urgência da busca pelo conhecimento, pelo entendimento do *outro*

A mulher, sempre que recorrer ao texto extra-ficcional, assumirá a posição simultânea de sujeito da narrativa e objecto da sua própria auto-etnografia igual ao processo delineando com precisão segundo a qual a comunidade deve ser deseliminada por um sujeito etnográfico apreensível com o duplo contexto – condição de conhecimento cultural e alienação do sujeito – que, na verdade, deve evoluir de *alienação* para a *liberdade*. A absorção aparente que passa a ser uma autonomia adquirida quando o texto é extra ficcional o mundo masculino deve aprender a ouvir a partilhar todos os proveitos da comunidade.

A mulher, sem sombras de dúvida, vai contra os limites para que ela deixe de ser uma perpétua «vítima da opressão masculina, por outro lado, carrascos todo-poderosos» [*Sic*] (Badiner, 2003, p.113).

Contudo, Chiziane, alvorota-nos: «a história mostra-nos que não basta ser mulher para ser justa» (1994: 13). É preciso, acrescenta, Chiziane (1994: 18): «lançar, na terra fértil, a semente da coragem e da vontade de vencer nos corações das mulheres que pertencem à geração do sofrimento».

## Conclusão

A tradição tem sido usada para espoliar e tornar doentia a vida de algumas pessoas dentro de uma comunidade. Ela, também, pode servir para afetar e alisar comportamentos. As tradições destroem a dignidade de uma pessoa. Por isso, Chiziane partindo da sua experiencia restaura a dignidade perdida. Nesse sentido, diz Chiziane, algumas realidades devem ser questionadas para que se criem novos caminhos. Engajada em

decifrar as pendências culturais, a escritora propõe o comprometimento com os diversos lados da cultura que aprisionam a mulher dentro da história.

Estas minhas divagações servem-me apenas de estímulo. Com elas pretendo encontrar a força para enfrentar a dura realidade que me cerca. Sei eu devo modificar o ambiente pela força do meu espírito porque às preces aos deuses homens ou aos deuses mulheres, quer sejam feitas em voz alta ou selenciosas, as únicas respostas que se obtêm são silêncio absoluto (Chiziane, 1994, p.13).

Fora do contexto literário Chiziane oferece um testemunho que deixa pistas para reflexões sobre que diz respeito a uma cultura subjugadora. Com *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* enfatiza a fuga do arquétipo subjugador. Vai contra o senso-comum, da instrução acabada, da «história única», fazendo um paralelismo com Adichie (2009), sobre qualquer pessoa, lugar, aspecto e cultura. Chiziane, assinala uma habilidade literária particular: um relato social que pode ser observado como um relato que trata de representação e percepção do cotidiano, do lugar-comum da experiência vivida.

A existência fronteira, mesmo impossível, entre fiação narrativa e os testemunhos assumem, nos estudos literários uma importante força de transformação na própria aceção de ambos os termos. A leitura deste texto – *Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo* – ou outros, do mesmo género, demonstrou que é possível perceber uma realidade e construí-la com outras lentes.

Por isso Paulina Chiziane comprova e se dispensa, de modo excelente, a arrematar este ensaio:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajectória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento

do vazio e a incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se o meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam. Foi assim que surgiu a minha primeira obra “Balada de Amor ao Vento”, tornando-me deste modo uma das primeiras escritoras do meu país (Chiziane, 1994: 14-15).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Social*. Ática: São Paulo, 1989.

BAHULE, Cremildo. *Literatura Feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane*. Ndjira: Maputo, 2013.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London/New York: Routledge, 1994.

BAGNOL, Brigitte. «*Lovolo e Espíritos no Sul de Moçambique*». *Análise Social*, Vol. XLIII (2.º), pp. 251-272, 2008.

BAGNOL, Brigitte. «*Lovolo, Identities and Violence: Embodiment of Histories and Memories*». Comunicação apresentada no 8th International Interdisciplinary Congress of Women, Kampala, Uganda, 21-26 de Julho, 2002.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Obras Escolhidas*. (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). Vol. 1, 3.ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Carlos. *Directo ao Assunto*. Edições Caderno Tempo: Maputo, 1985.

CHIZIANE, Paulina. *O Sétimo Juramento*. Caminho: Lisboa. [Ndjira,

Maputo, 2006], 2000.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: Uma História de Poligamia*. Ndjira: Maputo, 2002.

CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Caminho: Lisboa, 1999.

CHIZIANE, Paulina. «Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo». In: Ana Elisa de S. Afonso (Org.). *Eu Mulher em Moçambique*, Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1994, pp. 11-18.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de Amor ao Vento*. Associação dos Escritores Moçambicanos: Maputo, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. (Tradução de Peter Pál Pelbart). São Paulo, 1997.

BADINER, Elisabeth. *Fausse Route*. Éditions Odile: Jacob, 2003.

FERREIRA, Ana Paula. *Para Um Leitor Esquecido: Ensaio Sobre O Vale da Paião E Outras Ficções de Lídia Jorge*. Texto Editores: Lisboa, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GROSSBERG, Lawrence. *Bringing it All Back Home Essays on Cultural Studies*. Durham: Duke University Press, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HANNA, Vera. L.H; BASTOS, N. «História do Presente e Historiografia Linguística: Implicações». In: Neusa Bastos & D. V. Palma, *História Entrelaçada 5: Estudos Sobre a Linguagem em Materiais Didáticos – Década de 1950*. São Paulo: EDUC, pp. 17-34, 2012.

HUGGAN, Graham. *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*. London/New York: Routledge, 2001.

JORGE, Lídia. «Para Um Destinatário Ignorado». In: Ana Paula Ferreira, *Para Um Leitor Esquecido: Ensaio Sobre O Vale da Paião E Outras*

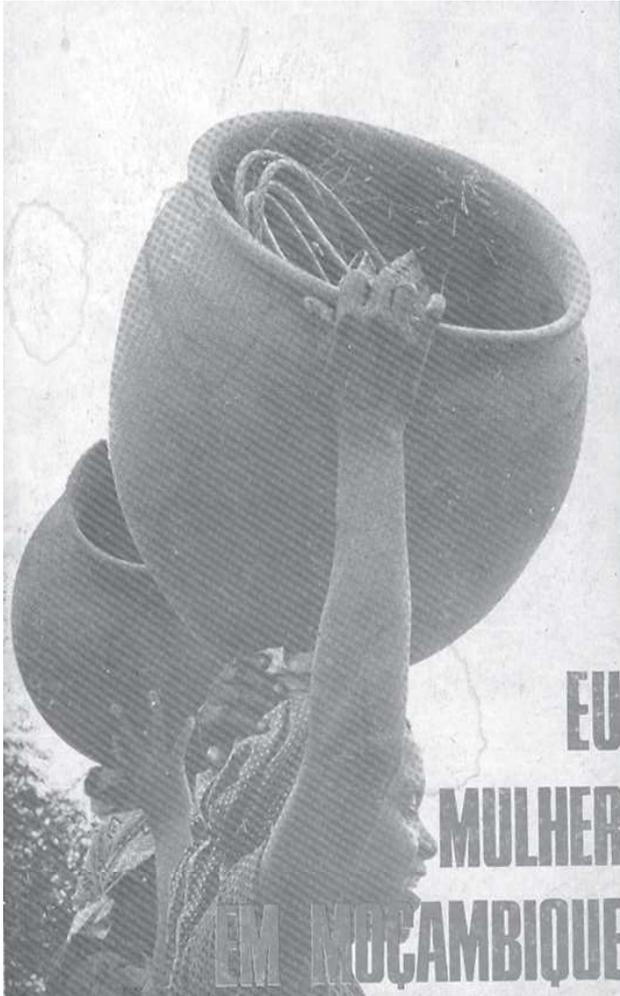
*Ficções de Lídia Jorge*. Texto Editores: Lisboa, pp. 33-47, 1994.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas: Arte, Cultura, Gênero e Política*. (Tradução de Rómulo Monte Alto). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

**Anexo I**

Capa do livro *Eu Mulher em Moçambique*, organizado por Ana Elisa de S. Afonso, editado pela Comissão Nacional para UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1994.



CHIZIANE, Paulina, «Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo». In: Ana Elisa de S. Afonso (Org.), *Eu Mulher em Moçambique*, Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1994, pp. 11-18.